

Comunicação e Sociedade

MEMÓRIA

José Reis: a divulgação científica como compromisso

WILSON DA COSTA BUENO*

A divulgação envolve para mim dois
dos maiores prazeres desta vida:
aprender e repartir.
José Reis

Se fosse possível voltar no tempo, talvez escolhesse o finalzinho de janeiro de 1948, por pelo menos duas razões. A primeira delas é que poderia me contemplar ainda pequeno, na verdade muito pequeno, com um pouco mais de um quilo e meio, como toda criança que vem ao mundo precocemente, sem ao menos esperar os nove meses para botar a boca neste mundo repleto de desafios. A segunda delas é que, louco como sou por jornais e por ciência, mais especificamente por jornalismo científico, poderia esperar um pouquinho só para ler em primeira mão, na última página da velha Folha da Manhã, no dia 1º de fevereiro, um domingo, o “No mundo da ciência”, primeira contribuição regular de José Reis à divulgação científica na imprensa brasileira. Com certeza, nos dois casos, não me arrependeria, já que estaria satisfazendo a minha enorme curiosidade e saudando esta incrível coincidência, que poderia ser ainda maior, se tivesse nascido exatamente uma semana depois.

Se fosse menos cético e mais místico, talvez me sentisse tentado a acreditar que esses dois fatos (o meu nascimento e este marco inicial da

* Wilson da Costa Bueno, jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Umesp, ex-presidente da ABJC - Associação Brasileira de Jornalismo Científico, editor do Portal do Jornalismo Científico on Line (<http://www.jornalismocientifico.com.br>) e da newsletter eletrônica Mídia & Ciência.

trajetória de José Reis como divulgador científico) tivessem a ver com o meu futuro e que explicasse a minha paixão pela ciência, pelo jornalismo científico e pelo mundo rural. Mas isso é só uma coincidência a mais.

De qualquer forma, mais algumas vezes os nossos caminhos se cruzaram desde aquele início do ano de 1948: a minha tese de doutorado, em 1985, a primeira sobre jornalismo científico no Brasil (Bueno, 1985), a ele dedicada especialmente, e os dois artigos, por ele escritos, sobre esse meu trabalho, respectivamente, na Folha de S. Paulo e na revista Ciência e Cultura. Seria oportuno lembrar até a criação do Núcleo José Reis de Divulgação Científica, exatamente na escola onde me formei, em 1971, como jornalista. Não deveria deixar de mencionar também que a vencedora, em 2002, do Prêmio José Reis de Divulgação Científica, instituído há anos em sua homenagem, a competente jornalista e professora Fabíola de Oliveira, foi minha orientada, no mestrado e doutorado, da ECA-USP. Ambos, ela e eu, na academia e na ABJC - Associação Brasileira de Jornalismo Científico, tivemos sempre José Reis como paradigma a ser seguido, como todos os jornalistas científicos que, na universidade ou na mídia, vieram depois dele.

José Reis foi, certamente, uma pessoa que marcou não apenas a minha vida, mas a ciência e o jornalismo brasileiros.

Não será fácil encontrar alguém que, durante mais de 54 anos, atuou, sem interrupção, como divulgador científico, na nossa imprensa, abordando um leque diversificado e formidável de temas. Na verdade, duas semanas após o seu falecimento, ocorrido a 16 de maio de 2002, ainda o caderno Mais!, da Folha de S. Paulo, trazia suas últimas colunas (o nome Periscópio, título de sua coluna, deveria ser guardado para sempre, sem ser usado por mais ninguém, a exemplo da camisa 10 do rei Pelé, como uma eterna homenagem) abordando, respectivamente, a esquizofrenia paranóide, a relação entre um gene e a neurose e a descoberta do mistério das formigas monstruosas (se estiver curioso/a, acompanhe-nos que, juntamente com José Reis, desvendaremos este mistério ainda ao final deste artigo).

José Reis era incansável. Formado pela Faculdade Nacional de Medicina, complementou sua formação científica no conceituado Instituto Oswaldo Cruz, especializou-se no Rockefeller Institute, em Nova Iorque, tornando-se, posteriormente, um dos maiores especialistas em doenças de aves em todo o mundo. Foi um dos fundadores da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e seu primeiro secretário.

rio-geral, diretor de redação da Folha de S. Paulo, de 1962 a 1967, fundador e editor por muito tempo da revista Ciência e Cultura, da SBPC (e que agora deverá ser relançada sob a coordenação do Labjor - Laboratório Avançado de Estudos em Jornalismo, da Unicamp). Criou as feiras e os clubes de ciências, espaço inestimável para a divulgação científica e para despertar, nas novas gerações, a vocação para a ciência. Foi, sem dúvida, um professor dedicado e um administrador competente.

Aliás, a sua contribuição ao universo da administração tem sido, dentre as inúmeras facetas de sua carreira, talvez a menos estudada, mas deveria merecer a atenção dos colegas da área: ele já escrevia sobre temas de administração na própria Folha de S. Paulo, na década de 1940, e foi o primeiro diretor da FEA-USP, que ajudou a organizar e onde trabalhou como professor por muitos anos. Na administração pública, deu contribuição relevante, como diretor geral do Departamento do Serviço Público, em São Paulo. Integra, também, a história do Instituto Biológico, do qual se aposentou em 1958, pela relevância de suas pesquisas e a contribuição à formação de novos pesquisadores.

A missão de divulgar

José Reis sempre encarou como uma missão a tarefa de divulgar ciência. Reconhecia a necessidade do engajamento dos cientistas no processo de democratização do conhecimento e assumia este engajamento com lucidez e dedicação. Necessariamente, esta sua disposição não era compartilhada, à época, pelos demais colegas, como explicava ele próprio:

Quando eu comecei, na década de 1940, havia uma certa reserva quanto ao cientista que freqüentava as colunas de jornais e revistas populares. Hoje, essa atitude mudou, os cientistas já percebem que é importante dar ao público uma satisfação sobre o trabalho que realizam. Eles compreenderam que não podem se fechar, isolar-se em seus laboratórios (1982, p. 4-5).

Na verdade, a generosidade de José Reis e a sua visão otimista mascaram uma dificuldade que ainda permanece. Até hoje, parcela significativa da comunidade científica brasileira ainda não inclui, entre as suas prioridades ou compromissos, o esforço de popularização da ciência,

por absoluto preconceito e/ou falta de espírito público, ainda que, como acentuava José Reis, a situação tenha melhorado nos últimos anos.

De maneira geral, os pesquisadores (vivam as exceções!) admitem que esta tarefa não lhes compete e buscam eximir-se dela, muitas vezes julgando-a, equivocadamente, como pouco relevante.

Os órgãos responsáveis pela avaliação da produção científica brasileira certamente reforçam este preconceito e contribuem para que a missão de divulgar seja desestimulada pela comunidade científica. Basta verificar o peso atribuído, por exemplo, pela Capes ao trabalho de divulgação da ciência pelos meios de comunicação e, sobretudo, compará-lo com o que se confere a outras instâncias de circulação do conhecimento científico.

Dialogar com a sociedade, partilhando o conhecimento científico, não é ainda um processo reconhecido como fundamental e, sob esta perspectiva, a contribuição de José Reis, nestes 54 anos, como divulgador científico, terá, mantido o processo atual de avaliação, menor valor do que o de alguns poucos artigos publicados, por qualquer pesquisador, em revistas indexadas de circulação internacional.

É preciso, urgentemente, corrigir esta distorção e acreditamos que a ABJC, o Núcleo José Reis e o Labjor, entre outras entidades comprometidas com o jornalismo científico, devam aproveitar este momento para mobilizar cientistas, jornalistas e administradores em defesa da importância da divulgação científica.

Deve ser louvada a este respeito a iniciativa de alguns órgãos de financiamento à pesquisa em nosso País, como a Fapesp, a Fapemig, a Faperj e, agora, a Fundação Araucária, no Paraná, que passaram a dedicar maior atenção à divulgação científica (em particular, ao jornalismo científico), patrocinando publicações, implementando portais na web e, sobretudo, buscando estabelecer parcerias com o mercado profissional, visando à capacitação do comunicador de ciência.

Urge estabelecer uma autêntica “cultura de comunicação” nos centros geradores de ciência e tecnologia em nosso País, porque universidades, institutos de pesquisa e empresas comprometidas com a produção de ciência e a tecnologia ainda são tímidas em sua tarefa de divulgar. As estruturas de comunicação são precárias, nem sempre profissionalizadas, e, em muitos casos, funcionam mais para promover a administração, em sua ambição pessoal ou política, do que para divulgar resultados de pesquisa que possam ser úteis à sociedade.

Remando contra a corrente, mas a favor da sociedade, a missão de divulgador sempre acompanhou José Reis. Como ele confessava, sentia grande prazer em repetir aos outros o que aprendia: assim, alfabetizou as empregadas domésticas que trabalhavam em sua casa e, no colégio, produzia cadernos extras, além daqueles que traziam os apontamentos das aulas dos professores, incorporando leituras complementares e reflexões, que fazia circular pelos colegas interessados. Repetia ele: “É grande o prazer de tentar compreender o que é difícil e depois transformá-lo em algo menos hermético para gozo dos outros” (1982, p. 3).

Apoiado nesta vocação, que se transformou efetivamente em missão, José Reis não se contentou em pesquisar as doenças das aves, nas quais se tornou um grande entendido, festejado pelo meio científico. Decidiu escrever artigos para a revista *Chácaras e Quintais*, representante maior da história do jornalismo agrícola brasileiro, para explicar aos sítiantes, público-leitor preferencial da publicação, como preveni-las, controlá-las ou debelá-las. Para tanto, fazia um grande esforço, pouco usual nos pesquisadores de seu gabarito, no sentido de traduzir o jargão científico, visando favorecer o entendimento. Ao mesmo tempo, colaborou, intensamente, produzindo artigos para os suplementos agrícolas dos nossos principais jornais, ampliando o escopo de divulgação de seus trabalhos. Mas não parou por aí: como pesquisador do Instituto Biológico, preparou inúmeros folhetos, em linguagem simples, para que os pequenos produtores soubessem identificar as doenças das galinhas e tomassem as providências adequadas para evitá-las.

É preciso destacar, ainda, que José Reis se valeu, também, do mercado editorial para o seu trabalho de divulgação. Além das obras de caráter científico, escritas para os seus pares, não se esqueceu das crianças e dos jovens. Para os meninos e as meninas de tenra idade, ainda na pré-escola, escreveu *A cigarra e a formiga*, “abrasileirando” a fábula tradicional, com o objetivo de, como ele diz, “romancear a ciência”. Produziu, ainda, *As galinhas de Juca*, trabalho comprometido com a divulgação das doenças das aves; *O menino dourado*, que incorporava noções de microbiologia; e as *Aventuras no mundo da ciência*, voltado para os jovens e que consistia numa agradável viagem pela história natural.

Bem pouca gente sabe também que José Reis foi um dos pioneiros da divulgação de ciência pelo rádio. Durante um ano, ele produziu textos para o programa *A marcha da ciência*, veiculado pela Rádio Excelsior, de São Paulo, relatando o presente e o passado do mundo da ciência.

Cientistas e jornalistas: uma visão madura

As incompreensões entre jornalistas e cientistas, motivadas pela inserção em sistemas de produção que apresentam características distintas, sobretudo no que diz respeito aos seus objetivos e ao tempo de execução, não passaram ao largo das preocupações de José Reis. Pelo contrário, ele as contemplou em artigos, palestras e conversas e, sobretudo, conseguiu, na prática, por incorporar esta dupla identidade- pesquisador e comunicador da ciência, encaminhar uma saída honrosa para esta relação quase sempre conflituosa.

Ao contrário de muitos pesquisadores, que creditam apenas aos jornalistas a situação nem sempre favorável do jornalismo científico brasileiro, José Reis admitia que os problemas ocorriam de ambos os lados e vislumbra, já há vinte anos, que a superação das diferenças era uma realidade. É esclarecedor lê-lo a respeito disso:

...a tradição isolacionista do pesquisador gerou muitos ressentimentos entre o cientista e os jornalistas. De um lado, os cientistas, muito ciosos da precisão da informação até mesmo em minúcias de nenhum interesse público, e de outros os jornalistas, mais estimulados pelo essencialmente novo e capaz de atrair os leitores. Pode-se dizer que em alguns centros se cavou um profundo fosso entre ciência e jornalismo, como se a notícia científica se apequenasse ou prostituisse quando veiculada pela imprensa. Se os jornalistas, algumas vezes por despreparo, outras pela ânsia de sensacionalismo, contribuíram para aquela situação, os cientistas não ficam absoldidos, pois muitos deles se negaram sistematicamente a dialogar com os repórteres ou atender aos pedidos de colaboração em termos simples. Felizmente, as coisas mudaram dos dois lados. Melhor preparo e senso profissional do jornalista e mais aguda consciência social do cientista criaram a situação presente do bom entendimento (1982, p. 4).

Provavelmente, apenas o espírito conciliador de José Reis poderia justificar esse otimismo no início da década de 1980, porque, de lá para cá, os embates entre pesquisadores e cientistas se sucederam, algumas vezes em tom exacerbado, embora (e aí entra a perspectiva de futuro do nosso maior divulgador científico) a relação seja hoje bem mais amistosa.

Ele, com a aproximação entre o mundo da ciência e os cidadãos, realizada pelo trabalho insano de divulgação científica e, em particular, pelo seu exemplo de pesquisador e comunicador da ciência que insistia em não

sobrepor uma atividade à outra, julgando-as ambas relevantes, certamente contribuiu para que essa distância se reduzisse ao longo do tempo.

Objetividade e anticiência

José Reis, em sua atividade como professor, pesquisador e divulgador científico defendeu e praticou uma visão ampla da ciência e da tecnologia, entendendo ser necessário contextualizar o progresso técnico e científico, resgatando as suas dimensões política, econômica e sócio-cultural. Incomodava-o a postura dos que buscavam examinar a ciência (e o cientista) apenas à luz de seu próprio trabalho, sem a preocupação com o uso que pessoas, governos, empresas etc. poderiam fazer das novas descobertas.

Tinha, portanto, uma visão moderna da atividade científica e não a enxergava independente do seu momento histórico. Dizia ele, com inegável sabedoria:

...nunca me contentou a prática pura e simples de uma especialidade. Sempre procurei contemplá-la com a sua história e, se não a filosofia, pelo menos o filosofar sobre a essência do trabalho realizado, sua significação, sua posição no contexto geral do saber. Surgiu daí a preocupação, que se foi acentuando, com a história, a filosofia da ciência e a política da ciência (1982, p. 4).

A mesma percepção tinha ele da divulgação científica, que estava mudando de perfil já na década de 1980, com a incorporação gradativa das preocupações decorrentes do impacto da ciência e da tecnologia na sociedade. Ele constatava: “Durante muito tempo, a divulgação se limitou a contar ao público os encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade” (1982, p. 6).

Ele tinha a convicção da importância da divulgação científica como forma de inclusão e chamava atenção para o fato de que ela era fundamental num país como o nosso, “onde as dificuldades e as precariedades das escolas fazem com que estudantes e professores obtenham informações sobre os progressos da ciência através de artigos de jornais” (2002a, p. 22).

José Reis, embora não tivesse em nenhum momento deixado de lado a sua condição de pesquisador, portanto convicto da relevância do método científico como instrumento ideal para a acumulação do conhe-

cimento e a indagação sobre a verdade das coisas, soube conciliar ciência e fé, ciência e filosofia, ciência e arte, agindo como um intelectual do nosso tempo. Divulgador da ciência, não ignorou a importância de outros saberes e discursos, entendendo que o ser humano naturalmente os incorpora e os harmoniza e jamais penalizou o leigo por aderir a noções ou práticas não reconhecidas pela ciência. Pelo contrário, assumiu como missão, como já vimos, trabalhar para esclarecê-lo, daí a sua atividade intensa como comunicador da ciência.

Ele, porém, não se omitia na defesa da ciência, quando percebia a ação de pessoas ou grupos que, apoiados no uso inadequado da ciência, cultuavam a anticiência, tentando rebaixar a função que a ciência ocupa na sociedade. E tinha para eles uma resposta pronta, contundente, para que não restasse dúvida de que, apesar das limitações, a ciência continua sendo vital para o mundo e o homem modernos:

Não se estriba a anticiência apenas na demonstração das consequências nocivas da ciência, mas também em considerações filosóficas mais amplas, como a que impugna a própria objetividade que se lhe atribui. Ainda aí estão a pensar num estilo de ciência fora de moda. Ninguém mais consciente do que os bons cientistas das limitações de sua objetividade e da influência emocional em seus atos criativos. O que a anticiência não diz é se, sem esta relativa objetividade e emocionalidade da ciência, teríamos o mundo de conhecimentos que hoje possuímos e de que eles, os anticientistas, como todos os homens, estão a beneficiar-se a cada instante (2002a, p. 22).

Crítico, lúcido, sintonizado com o seu tempo e o seu mundo, José Reis soube compreender, como poucos, a função da ciência e da divulgação científica. Sobretudo, sua trajetória como comunicador da ciência e como pesquisador revelou-nos a paixão pela ciência e pela comunicação, vistos como caminhos que, obrigatoriamente, se entrecruzam. A curiosidade, inspiração de seus dois maiores prazeres – aprender e repartir – acompanhou-o até o último momento. No dia 19 de maio, quando já havia partido deste mundo, legou ainda aos seus leitores a revelação do mistério das formigas misteriosas. Como última homenagem, deixamos que ele próprio no-lo revele, fazendo aquilo que melhor sabia: contar histórias.

O segundo tópico refere-se a uma notícia também publicada na revista “Time”, segundo a qual um antropólogo francês – Michel Peissel

– e um fotógrafo britânico – Sebastian Guinness – conseguiram, após muita aventura, localizar a chave de um mistério criado por Heródoto, o “pai da História”. Esse antigo historiador, nascido muito antes de Cristo em Halicarnasso, afirmara a existência de formigas monstruosas e peludas, do tamanho de cães ou raposas, que mineravam ouro em suas tocas e o carregavam para as arcas do rei da Pérsia.

Descobriram os exploradores que as “formigas monstruosas” não passavam de marmotas (roedores do grupo dos esquilos), cujo nome na antiga Pérsia significava “formigas da montanha”. Um erro de interpretação de Heródoto durante muito tempo criou as mais diversas versões da história. Na verdade, as marmotas se enfiavam em tocas de terreno aurífero e o ouro grudava em seus pêlos (2002b).

Como sempre, José Reis se mostra simples, direto, sem a preocupação, comum à maioria dos pesquisadores e cientistas, de rebuscar a linguagem para evidenciar erudição. Ao mesmo tempo, externa a sua percepção aguda do que é notícia, do que interessa ao leitor comum, o que, convenhamos, nem sempre encontramos em muitos jornalistas que se propõem a divulgar a ciência.

José Reis será, para todos nós, a eterna e estimulante referência. A ciência e o jornalismo continuarão, para sempre, devendo muito a ele.

Referências bibliográficas

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP.

REIS, José. Entrevista concedida a Alzira Alves de Abreu (CPDOC/FGV e UFRJ), publicada na revista *Ciência Hoje*, da SBPC (jul.-ago. 1982) e republicada no livro *Cientistas do Brasil*, comemorativo do cinquentenário da SBPC, em São Paulo (1988, p.1-7).

_____. Os frutos amargos e a anticiência. Folha de S. Paulo. Caderno Mais!, 26 maio 2002a.

_____. Neurose e formigas monstruosas. Folha de S. Paulo. Caderno Mais!, 19 maio 2002b.